

MIGRAÇÃO E (IN)SEGURANÇA: CONHECER PARA AGIR

Fernando Bessa, Instituto Universitário Militar, a15277@hotmail.com

Luís Malheiro, Academia Militar, malheiro.lcr@gnr.pt

ABSTRACT

At the time when the climate of tension around the thousands of migrants that elected Europe as the place to stay is being boosted by the occurrence of terror events in various European cities, it's understandable that, in a frivolous way, and following de *vox populi*, demagogic speeches have been being developed around this human flux.

With the pretext to assess the existence of eventual biased thoughts and maybe perceptions that might be considered misfit from the reality on how the migratory phenomenon is classified, the present study was conducted with the objective to find an answer to the following question: *what are the principal characteristics of the migrants that have been disembarked in European Union maritime borders?*

The analysis to the acquired data allows to affirm that the migrants are mostly families, constituted or elements in transit that are looking to re-encounter their family migrated in the European States; that there is an apparent relation between o number of men, women e children and it is facing better-qualified migrants searching for better living conditions that are denied by their country of origin.

KEYWORDS: Europe; borders; migrants; families; European Border and Coast Guard Agency.

RESUMO

Numa época em que o clima de crispação em torno dos milhares de migrantes que elegeram a Europa como destino para se fixarem é potenciado pelo cometimento de eventos de terror que assolaram várias cidades europeias,

é plausível que, de forma leviana e fácil e indo de encontro ao *vox populi*, se construam discursos demagógicos em torno deste fluxo humano.

Com o pretexto de se aquilatar da existência de eventuais pensamentos enviesados e quiçá percepções que poderão ser consideradas desajustadas da realidade como é classificado o fenómeno migratório, recorreu-se à realização do presente estudo com o qual se pretende encontrar uma resposta para a seguinte pergunta: *quais as principais características dos migrantes que têm desembarcado nas costas marítimas da União Europeia?*

A análise dos dados obtidos permite afirmar que os migrantes na maioria são famílias, constituídas ou elementos em trânsito que procuram o reencontro com as suas famílias imigradas em Estados europeus; que existe uma relação aparente entre o número de homens, mulheres e crianças e que se está perante migrantes cada vez mais qualificados em busca de melhores condições de vida que os seus países de origem lhes negam.

PALAVRAS-CHAVE: Europa; fronteiras; migrantes; famílias; Guarda Europeia de Fronteiras e Costeira.

1. NOTA INTRODUTÓRIA

A história conheceu incontáveis movimentos populacionais, forçados ou voluntários, de pessoas que se deslocavam em busca de novas oportunidades, fugindo ou procurando proteção de diferentes tipos de conflitos ou de desastres ambientais, de melhores condições de vida ou simplesmente alimentados pelo desejo de se reunirem com os membros da família que anteriormente tinham deixado o país de origem.

Tendo em consideração que os fenómenos migratórios são naturais e transversais aos diversos tempos civilizacionais, seria expectável que no presente fenómeno migratório, não fossem detetadas falhas notórias que enfermaram o processo de triagem e registo dos migrantes, principalmente após os atentados, ou que fossem ouvidos testemunhos de que, em pouco tempo, se passará de um *muito obrigado por me ter resgatado da água*, para um *não quero esta comida horrenda* (Gabriel, 2015).

Se por um lado, se multiplicam as organizações não-governamentais direcionadas para o apoio humanitário aos migrantes, por outro lado, também são diversos os Estados Membros (EM) que redobram os mecanismos

de registo e controlo e procedem à construção de muros¹ nas regiões de fronteira.

Esta miríade de diferentes opções não se fica apenas pelas decisões dos diversos EM, pois os inúmeros atores com responsabilidades neste campo sugerem constantemente argumentos contraditórios não só sobre as origens da problemática dos migrantes, mas sobretudo sobre as possíveis soluções que poderão ser adotadas.

Também não é facto adquirido se os relatos que vão proliferando correspondem à realidade ou se não passam de mitos criados por desconhecimento ou com o propósito de criação de janelas de oportunidade para a implementação de algumas políticas protecionistas em diversos países.

Por outro lado, sempre que são relatadas novas mortes resultantes das tentativas de travessia para a Europa, os discursos direcionam-se de imediato para a necessidade de uma maior intervenção por parte dos EM, com o objetivo de garantir que tal não volta a acontecer nem que sejam publicadas novas fotografias que retratem crianças mortas em praias da Europa.

É, pois, num contexto de uma aparente dicotomia de sentimentos e atitudes que se torna cada vez mais pertinente clarificar o papel dos diversos atores a fim de serem evitadas a construção e a propagação de mitos na opinião pública sobre os migrantes, os quais poderão ter consequências nefastas naquela que se deseja que seja uma análise esclarecida sobre os acontecimentos. É, pois, determinante que os atores com responsabilidade neste campo conheçam os números, os factos e os relatos para poderem desenhar e implementar políticas públicas que verdadeiramente contribuam para mitigar o fenómeno e para proporcionar as condições básicas de vida aos que chegam, sem nunca descurar ou prejudicar a dos que cá estão e que necessitam, por vezes, de mais apoios sociais do que os migrantes.

Neste sentido, com a presente análise procurou-se responder à seguinte questão: *quais as principais características dos migrantes que têm desembarcado nas costas marítimas da União Europeia?*

Para a concretização da presente análise recorreu-se a uma metodologia qualitativa-extensiva com base na técnica de análise documental e verificação dos dados obtidos pelas equipas de receção nos pontos de entrada de migrantes.

2. ENQUADRAMENTO, ATORES E GESTÃO DO FENÓMENO

Pela análise da legislação sobre a temática da migração, verifica-se que a nível macro, no caso europeu, um dos atores mais significativos é a Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira (FRONTEX).

Esta Agência assegura a gestão europeia integrada das fronteiras externas, incluindo a resposta aos desafios migratórios e às potenciais ameaças futuras nessas fronteiras, contribuindo para combater a criminalidade organizada na sua dimensão transfronteiriça, garantindo um elevado nível de segurança na União, sempre no pleno respeito pelos direitos fundamentais, salvaguardando a livre circulação de pessoas e bens no seu interior (Parlamento Europeu e Conselho, 2016).

A FRONTEX também garante a ligação ao Serviço Europeu de Polícia (EUROPOL), ao Gabinete Europeu de Apoio em matéria de Asilo (GEAA), à Unidade Europeia de Cooperação Judiciária (EUROJUST), à Agência da União Europeia para os Direitos Fundamentais (FRA) e ainda à Academia Europeia de Polícia (AEP).

Esta Agência também colabora, partilhando recursos, no âmbito do plano de cooperação, com a *European Maritime Safety Agency* (EMSA), com o *Satellite Centre* (SatCen) e com a *European Fisheries Control Agency* (EFCA).

Outro ator de relevo e importância mundial é, indubitavelmente, a Organização das Nações Unidas (ONU), nomeadamente através de uma das suas agências que tem a seu cargo um programa especializado - a *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR).

No que diz respeito à análise a nível nacional verifica-se que esta temática da migração, no âmbito da responsabilidade partilhada elencada no normativo da Frontex, envolve diversos ministérios e entidades. Com o objetivo de refinar a análise e melhor focalizar o estudo, optou-se por estudar a atuação das três entidades que mais diretamente têm participado nestas ações, a Guarda Nacional Republicana (GNR), o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e a Polícia Marítima (PM).

Conforme estabelece a Lei Orgânica da GNR (Lei n.º 63/2007 de 6 de novembro) a Unidade de Controlo Costeiro (UCC) é a Unidade especializada responsável pelo cumprimento da missão da Guarda, em toda a extensão da costa e no mar territorial.

Deste modo, a GNR garante a aplicação da Lei em todo o território nacional, incluindo o mar territorial,² sendo que ainda possui acordos com Espanha para poder atuar autonomamente em caso de situações criminais até cinquenta quilómetros para além da linha de fronteira no interior do território do país vizinho e, *mutatis mutandis*, o país vizinho em Portugal.

No que diz respeito ao *border check*, a entidade com competências específicas é o SEF. Tal como decorre do Decreto-Lei n.º 252/2000 de 16 de outubro, e sucessivas alterações, o principal objetivo deste serviço é o de controlar a circulação de pessoas nas fronteiras, a permanência e atividades de estrangeiros em território nacional, bem como estudar, promover, coordenar e executar as medidas e ações relacionadas com aquelas atividades e com os movimentos migratórios.

Por seu lado, a PM garante e fiscaliza o cumprimento das leis e regulamentos nos espaços integrantes do Domínio Público Marítimo, objetivamente, nas áreas portuárias, nos espaços balneares, nas águas interiores sob jurisdição da Autoridade Marítima Nacional (AMN) e nos demais espaços marítimos (AMN, 2017).

Consequentemente, pode-se afirmar em jeito de síntese que ao SEF estão cometidas todas as funções de *border check*; à GNR as funções de vigilância da fronteira e de órgão de polícia criminal em todo o território nacional, incluindo o mar territorial; à PM, todas as funções de vigilância, fiscalização e aplicação de outras medidas de polícia, principalmente nos portos e espaços balneares.

No território nacional, as três entidades cooperam, numa ótica de vantagens comparadas, para manterem a vigilância e segurança da fronteira externa da União, executando ações de fiscalização conjuntas e partilhando informação, não só entre as três entidades, mas também com a FRONTEX, através do *European Border Surveillance System* (EUROSUR).

O EUROSUR é o quadro de intercâmbio de informações destinado a melhorar a gestão das fronteiras externas da Europa, através do apoio aos EM, aumentando a sua capacidade de reação e conhecimento situacional para uma melhor prevenção e repressão da criminalidade transfronteiriça, na luta contra a migração irregular e na prevenção da perda de vidas dos migrantes no mar (FRONTEX, 2017a).

A espinha dorsal do EUROSUR é constituída por uma rede de Centros Nacionais de Coordenação (NCC). Cada EM estabelece um NCC, que agrupa as autoridades responsáveis pelo controlo das fronteiras, num determinado EM com o objetivo de coordenar as atividades de vigilância das fronteiras a nível nacional e servir de centro para o intercâmbio de informações.

Em Portugal, o NCC ficou sob a responsabilidade da GNR e funciona na UCC, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Os restantes organismos com responsabilidades nesta área nomeiam Oficiais de Ligação para estarem presentes no NCC.

Os NCC recolhem informações locais e nacionais sobre o que ocorre na fronteira externa, os dados processados criam um quadro situacional nacional e são a base de trabalho do setor da FRONTEX ligado à análise do risco que, por seu turno, planeia, coordena e executa as principais operações combinadas, como se descreverá de seguida.

A fronteira da União Europeia enfrenta uma interessante e complicada variedade de desafios: o roubo; o contrabando; o narcotráfico; a falsificação de documentos, entre outros.

Quando um país experiência um fluxo anómalo, como são os casos da Grécia, de Espanha e de Itália, a FRONTEX coordena a assistência que é providenciada por outros Estados Membros, fomentando o *sharing* de meios e o lançamento de operações combinadas.³

As operações são planeadas com base nas informações recolhidas e trabalhadas pela análise de risco. Após serem identificadas as vulnerabilidades na fronteira, sejam elas de imigração, de contrabando ou de falsificação de documentos, são definidos os níveis de intervenção e de suporte para que os outros EM decidam se participam e quais os meios que poderão projetar para o teatro de operações.

Portugal participa nestas missões através da projeção de meios, dentro das competências nacionais atribuídas às diversas entidades, nomeadamente a GNR, o SEF e a PM.

A GNR, desde a criação da UCC, em 2009, até há presente data, já participou ininterruptamente em 26 operações em sete países europeus. As missões atribuídas são de deteção e resgate com embarcações e de vigilância e patrulhamento com viaturas e aparelhos de visão noturna (GNR, 2016).

Analisando 2016 (ano de grande envolvimento nas operações) verifica-se que a UCC participou em cinco missões da FRONTEX, empenhando um total de 80 militares, meios de visão noturna, viaturas e duas embarcações (uma lancha de vigilância e interceção e uma embarcação de alta velocidade), tendo resgatado 642 pessoas do mar; navegado 10.422 milhas náuticas e; percorrido 19.130 quilómetros (Tribuna da Madeira, 2017). No ano de 2017, os militares da GNR/UCC participaram em missões em Itália, na Bulgária e na Grécia, tendo resgatado um total de 1.099 migrantes, 433 dos quais crianças (Lusa, 2017). Nos anos seguintes, os números são ligeiramente inferiores (e.g. 102 migrantes resgatado no mar Egeu em 2019), mas continuam a demonstrar a importância do contributo nacional para o cumprimento da missão da FRONTEX.

O SEF (2016) também colabora com a FRONTEX neste tipo de missões, no âmbito das competências que lhe estão cometidas ao nível nacional, destacando peritos para os territórios sob pressão migratória para contribuir, principalmente, em procedimentos de readmissão, retorno e escoltas para afastamento de cidadãos irregulares.

A participação da PM é mais recente e iniciou-se em 2013. A PM tem vindo a participar nas diversas Operações *Poseidon*, que se realizam em território helénico, efetuando missões de busca e salvamento (Rogeyro, 2015).

Após análise dos pressupostos que norteiam a gestão das fronteiras e as principais entidades que detêm responsabilidade neste campo, importa verificar o modo como os migrantes tentam alcançar a orla costeira da Europa, bem como perceber quem são e o que o almejam com a concretização da entrada no Velho Continente.

3. ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DOS MIGRANTES

De acordo com as Nações Unidas, na atualidade, o Mundo enfrenta um dos mais altos níveis de migração voluntária ou forçada. Globalmente, cerca de 65,3 milhões de pessoas foram forçados a sair de casa, entre elas contam-se aproximadamente 21,3 milhões de refugiados, sendo que metade tem menos de 18 anos. Também foram contabilizados cerca de 10 milhões de apátridas aos quais foi negada qualquer tipo de nacionalidade

ou acesso a direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de movimento (UNHCR, 2017a).

Os dados também demonstram que o número de mortes e de pessoas desaparecidas no mar - uma estimativa aproximada devido à ausência de listas de passageiros e pelo facto de uma grande parte dos corpos não serem recuperados - aumentou de 3.175, em 2015, para mais de 4.500, em 2016 (FRONTEX, 2016). Porém, outras fontes consultadas apontam outros valores para o número de mortes, mas a análise agregada do número de mortes, desde 2010, ganha uma dimensão preocupante ao atingir mais de 15.000 mortes em seis anos (UNHCR, 2017b).

Além disso, também se verifica que a migrações familiar e a de livre circulação representaram, cada uma delas, um terço do total de movimentos em 2014, ano em que o recrutamento internacional de trabalhadores sazonais aumentou na maioria dos países fora da União Europeia e na Polónia.

Assim, parece resultar que os grandes fatores que levaram aos diferentes movimentos de pessoas são motivos de cariz familiar. No entanto, conflitos como o da Síria, que drasticamente em 2015, impactaram negativamente os fluxos migratórios para os países da Europa, dificultam que se discuta tendências globais para as migrações.

Neste mesmo sentido, o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres (2015), afirmou numa intervenção sobre migrações que a redução da ajuda internacional e a crise da Síria foram os fatores determinantes para o aumento do número de migrantes que pretendiam entrar na Europa .

Note-se que é importante contextualizar e enquadrar o fenómeno, recentrando-se a análise na Europa. Para tal, importa que, por um lado, se analisem quais são as principais rotas de aproximação e, por outro lado, que se caracterizem os migrantes que as utilizam.

Conforme se pode verificar pelo documento disponibilizado pela FRONTEX (2017b), as rotas mais utilizadas pelos migrantes têm como destino a Grécia e a Itália. Estas duas rotas, embora apresentem números totais de migração, em 2016, muito semelhantes, diferem em inúmeros aspetos. A primeira grande diferença advém da geografia associada às duas rotas. Enquanto a rota do mediterrâneo oriental é uma travessia marítima curta (em alguns lugares os migrantes navegam menos de uma milha náutica até entrar em águas helénicas), na rota do mediterrâneo central

as distâncias são maiores e as condições de mar são substancialmente diferentes (Popp, Schmid, & Christoph, 2017).

No caso da rota do mediterrâneo central, devido à instabilidade política e governativa dos países terceiros neste ponto da fronteira, grande parte dos alertas que originam as operações de *Search and Rescue* (SAR) é efetuada através de ligação telefónica dos migrantes, aquando do início da travessia, para o *Maritime Rescue Coordination Centre* (MRCC) de Roma. Este facto obriga a que muitas das operações SAR ocorram a uma distância significativa da costa italiana, exponenciando as dificuldades inerentes a esta tipologia de operações e obrigando ao emprego de meios navais com maior capacidade de autarcia (Frontex, 2015).

No que tange aos países de origem dos migrantes na rota do mar mediterrâneo central os mais frequentes são a Nigéria, a Eritreia e a Guiné. Já na rota do mediterrâneo oriental são a Síria, o Afeganistão e o Iraque. Apesar da instabilidade existente nos países atrás mencionados, os efeitos dos conflitos existentes no globo estão a ter mais repercussões na rota do mediterrâneo oriental (FRONTEX, 2017b).

As restantes rotas, não se contestando a pertinência do fenómeno, quando comparadas com os números das duas rotas anteriores, de forma agregada, afiguram-se como residuais e são relegadas para segundo plano. No entanto, é importante salientar que em 2018, cerca de 57.000 migrantes irregulares foram detidos na rota do Mar do Mediterrâneo Ocidental, que se tornou a rota marítima migratória mais utilizada na UE, representando quase 41% do total das ocorrências nas fronteiras externas da União Europeia. Ou seja, foi registado um aumento no fluxo de migração para Espanha de 162% em relação a 2017. Em comparação a 2016, verifica-se que o incremento é ainda maior, aproximadamente 554%. Desde o início de 2019, até ao fim de outubro, 15.627 migrantes irregulares foram intercetados nesta rota, representando uma diminuição de 57% comparado com o mesmo período de 2018. Sobre esta rota que assola o país vizinho, importa ainda sublinhar a tendência de utilização de embarcações de pesca no transporte até à costa, sendo os migrantes posteriormente colocados em *toy boats*. Esta particularidade é relevante uma vez que com este *modus operandi* podem facilmente atingir a costa portuguesa (FRONTEX, 2019).

Analisando a tipologia de entradas por rotas marítimas ou terrestres comprova-se que mais de 59% dos movimentos foram detetados através

de rotas marítimas e 41% por rotas terrestres. No que diz respeito à nacionalidade dos migrantes em todas as rotas, a Síria surge em primeiro lugar, seguida do Afeganistão, da Somália, do Sudão, do Sudão do Sul, da República Democrática do Congo, da República Centro-Africana, do Iraque e da Eritreia (UNHCR, 2017b).

Independentemente das rotas e das formas de entrada na Europa, tal como afirma o Diretor Adjunto da EUROPOL, Wil Van, a verdade é que “existem organizações criminosas envolvidas em contrabando de seres humanos que lucraram entre três e seis bilhões de dólares em 2015” (EUROPOL, 2017, p. 2).

Existem organizações que operam nos países de origem e de trânsito, bem como organizações secundárias que providenciam o apoio necessário quando os migrantes chegam à Europa, local onde muitas vezes são explorados com trabalho ilegal ou mesmo tráfico de drogas ou prostituição. A EUROPOL recolheu provas de que os militantes do *Islamic State of Iraq and Syria* (ISIS) exploraram estas organizações para financiar os seus próprios interesses e obter documentos.

De acordo com os depoimentos dos migrantes, os facilitadores enviam-nos para a Grécia apesar das condições meteorológicas difíceis, o que leva a muitas tragédias no mar. A FRONTEX encontrou evidências de descontos que foram oferecidos às pessoas dispostas a viajar com mau tempo em embarcações com más condições de navegabilidade, com cerca de oito metros de comprimento e que normalmente transportam 40 a 60 migrantes (FRONTEX, 2017a).

Efetivamente, estas embarcações de borracha não são o único meio de transporte oferecido pelos facilitadores, também são usados iates que são capazes de transportar diretamente até 60 pessoas desde a Turquia até Itália. A viagem normalmente é realizada em melhores condições, mas também é muito mais dispendiosa e mais longa, sendo que o custo médio para uma família embarcar é de cerca de 10.000€ e pode demorar até uma semana. Os incidentes mais graves entre as autoridades e os traficantes, com troca de tiros e resistência à prisão, têm ocorrido com este tipo de embarcações (FRONTEX, 2017b).

Adicionalmente, as redes sociais e a informação que é disponibilizada *online* têm um efeito nefasto de elevada dimensão sobre o contrabando de migrantes. É uma ferramenta popular e global utilizada pelas redes de

contrabando para anunciar os seus serviços e pelos próprios migrantes para pesquisarem informações sobre a jornada, assim como para contatarem amigos e parentes que já vivenciaram a experiência da travessia ou que já se encontram no país que desejam alcançar.

A rede social *facebook* contém várias páginas que são geralmente criadas por intermediários e assemelham-se às das agências de viagens devidamente acreditadas. Nelas é possível encontrar fotos, informação sobre o preço e a rota que se pretende utilizar ou que é disponibilizada pelo anunciante, bem como dicas importantes para a viagem. Ainda incluem avaliações sobre a credibilidade e responsabilidade dos facilitadores (*rankings*), sobre as melhores rotas, sobre os países a evitar, bem como uma lista negra de contrabandistas.

Apesar de atualmente ser claro que a maioria dos migrantes entram na Europa com a ajuda de facilitadores, continua a ser uma incógnita o modo como financiam as viagens ou possuem *smartphones* de última geração, conforme é possível verificar nas transmissões televisivas que são realizadas ou nas fotografias das operações de resgate que são disponibilizadas pelos vários atores estatais.

As respostas mais típicas obtidas no decurso das entrevistas, que são efetuadas nos pontos de entrada, prendem-se com envio de dinheiro por parte de familiares já residentes na Europa, venda de todos os pertences e promessas de trabalho pelas redes de contrabando num futuro próximo (EUROPOL, 2017).

Estas respostas obrigam a que se tente perceber qual a caracterização destes migrantes. Consultando os dados agregados disponíveis em 2016 verifica-se que 57% são homens, 17% são mulheres e 26% são crianças (UNHCR, 2016).

Se alargarmos esta caracterização à globalidade de migrantes recentemente estabelecida nos países da OCDE, em 2015, sabendo-se que a maioria diz respeito à massa humana que chegou à Europa, a caracterização não difere muito. Cerca de 50% são mulheres, valor que aumentou relativamente à população estabelecida e mais de 30% possuiu qualificações elevadas, característica que evoluiu mais de dez pontos percentuais com esta vaga de migrantes. Relativamente às idades, verifica-se uma evolução de cerca de 10 pontos percentuais do escalão etário dos 15 aos 24 anos e uma redução proporcional dos escalões etários dos 25 aos 54 e dos 55 aos 64 anos de idade (OECD, 2016).

Os migrantes que chegaram à Europa, em 2016, colocaram os seus requerimentos maioritariamente na Grécia (cerca de 77%) e justificaram os mesmos, sobretudo, com a necessidade de proteção (37%), assistência básica (34%), educação (8%), saúde e condições de nutrição (7%) (UNHCR, 2016).

Analisando as tendências globais para os países da OCDE, verifica-se que os principais motivos para os movimentos são os familiares, quer sejam deslocações de famílias completas ou movimentos posteriores para se juntarem a parentes que já se encontram nos países alvo da migração (OECD, 2016).

Deste modo, o argumento de que os migrantes na Europa são essencialmente homens em idade militar e sem família não se confirma, pois apesar de a maioria dos migrantes serem homens (57%), o número de crianças e mulheres é também significativo (43%). Por outro lado, a família continua a estar na base das motivações para os principais fluxos migratórios verificados (UNHCR, 2017b).

Com o intuito de se avançar um pouco mais no conhecimento destes migrantes, parece importante concentrar o nosso esforço analítico no interior da Europa e tentar compreender o modo como estes migrantes são percebidos e os fatores que afetam/fundamentam essa mesma percepção.

Algumas pesquisas sugerem que os eventos terroristas desempenham/desempenham um papel importante na formação de atitudes/percepções sobre os imigrantes. Porém, indicam que os eventos terroristas não têm efeito sobre as atitudes em relação aos refugiados (Young, 2016).

Os resultados de outros estudos fornecem evidências claras da existência de efeitos longitudinais das condições económicas sobre as percepções da ameaça económica criada pelos migrantes de onde se destacam o crescimento do desemprego e a diminuição das taxas de crescimento económico, dando assim suporte à versão dinâmica da teoria do conflito de grupo. Objetivamente, segundo Billiet (2016), um choque económico severo produz um efeito mais acentuado sobre as percepções das ameaças criadas pelos migrantes. Este efeito é sentido de forma mais efetiva pela população com um nível educacional mais baixo.

O temor de perder o emprego para os recentes migrantes, independentemente de pontualmente poder suceder, para a maioria dos países, as populações residente e nativa possuem uma taxa de empregabilidade muito superior à dos migrantes, sejam eles migrantes recentes ou já estabelecidos (OECD, 2016).

A distinção entre membros estabelecidos da União e membros recentes também pode dar crédito a teorias anti-imigrantes. Alguns países têm economias menores e, talvez por isso, a questão da imigração conduza a políticas mais protecionistas - para serem mais populares. Além disso, estes países normalmente têm menos imigrantes, pelo que o indivíduo médio pode não ter um contato significativo com estes, aumentando, por conseguinte, os temores em relação aos migrantes (Keller, 2016).

Os resultados de alguns estudos mostram que o racismo biológico existente na Europa tem pouco impacto sobre as preferências políticas em relação à imigração, quando comparado com outras formas de racismo, não obstante, a mera descoberta da existência deste racismo biológico na Europa é alarmante (Young, 2016).

A realidade é que a maioria dos países tem ordens de preferência para os diferentes tipos de migrantes (*European Social Survey*, 2016). Os primeiros são os relacionados com a mesma raça ou etnia que já está presente no seu país e, os segundos mais preferidos, são os migrantes judeus. Os menos preferidos são os migrantes ciganos e, logo de seguida, surgem os migrantes muçulmanos que ocupam o penúltimo lugar no nível das preferências. No entanto, este mesmo estudo demonstra, contrariamente ao que se poderia pensar, que entre 2002/3 e 2014/15 os europeus tornaram as suas atitudes ligeiramente mais positivas em relação aos migrantes.

Por outro lado, o nível de satisfação dos imigrantes tende a variar entre os países. Os imigrantes estão mais satisfeitos nos países nórdicos e na Suíça e menos satisfeitos em Portugal, Grécia e França (Heath, Richards, & Ford, 2016).

O padrão de satisfação de vida dos imigrantes, em grande parte, imita o sentimento de satisfação existente na população nativa, sugerindo pontos em comum no papel que os cenários dos países desempenham a este respeito.

Em média, os imigrantes estão menos satisfeitos com as suas vidas nos países de acolhimento com níveis relativamente baixos de rendimentos e com elevados índices de desigualdade na distribuição dos rendimentos (Kogan, Shen, & Siegert, 2016).

Outro dado que, por vezes, é chamado à colação, e é utilizado para vincar as políticas protecionistas dos Estados, diz respeito ao conjunto de apoios sociais que são disponibilizados aos migrantes. Vários estudos demonstram que, apesar de ser verdade, em termos médios, são alocados mais recursos, ao nível da proteção social, para as famílias dos imigrantes do que para as famílias nativas, a verdade é que em muitos casos a diferença não é significativa. No caso concreto de Portugal, os encargos com os migrantes são ligeiramente superiores ao nível das prestações familiares e ao nível das prestações de desemprego, mas são iguais ao nível da assistência social e são bastante menores ao nível das pensões e dos subsídios de habitação (OECD, 2016).

Todos os dados anteriormente recolhidos, aliados ao fato de que a média da percentagem da população estrangeira face à população residente é inferior a 10% (Pordata, 2017), contribuem para argumentos como o de Vila (2017) que afirma que examinar o impacto da imigração, criando estes bodes expiatórios para os problemas da Europa, é preguiçoso e xenófobo.

Apesar de algum enfoque político sobre a ameaça à segurança que os migrantes representam, poucas evidências sustentam o argumento de que eles são mais propensos do que outros para se tornarem terroristas, mas existem evidências de que, sobretudo os refugiados e requerentes de asilo, querem ser aceites pelos países anfitriões e tendem a evitar atividades ilegais lutando para criar uma nova vida (Mockaitis, 2019).

Analisando os dados relativos ao saldo líquido das entradas e saídas de trabalhadores em 2014, constata-se que, em muitos casos, o balanço é negativo. Concretamente, no caso português, em 2014, o balanço de entrada e saída de trabalhadores significou uma redução de 61.902 indivíduos (OECD, 2016).

Deste modo, apesar dos números impressionantes de migrantes que chegaram às portas da Europa, atualmente parece ser bastante claro que podem ser considerados como números perfeitamente geríveis, desde que seja garantido um suporte apropriado aos países que servem de ponto de entrada e, posteriormente, os migrantes sejam encaminhados para os diversos locais de acolhimentos.

Esta ação coordenada tenderia a evitar que estes migrantes excluídos da ordem civil infiltrassem nas nossas vidas o medo de que uma desintegração do tecido social poderia acontecer a qualquer momento e reduzisse o nosso mundo (Europa) a um estado de selvajaria primitiva (Zizek, 2009).

A resposta ideológica imediata reside na operação ideológica de base liberal e multiculturalista, onde as desigualdades políticas ou económicas são naturalizadas e neutralizadas em diferenças culturais e em diferentes modos de vida, sendo apenas ultrapassadas pela tolerância (Bordoni & Bauman, 2016).

4. REFLEXÃO FINAL

Numa época em que o clima de crispação em torno dos milhares de migrantes que elegeram a Europa como destino para se fixarem é potenciado pelo cometimento de eventos de terror que assolaram várias cidades europeias, é plausível que de forma leviana e fácil, e indo de encontro ao *vox populi*, se construam discursos demagógicos em torno deste fluxo migratório.

Procurando dar uma resposta o mais sucinta possível à questão fundamental da análise (*quais as principais características dos migrantes que têm desembarcado nas costas marítimas da União Europeia?*) com o pretexto de se desconstruírem eventuais pensamentos enviesados e percepções desajustadas da realidade, pode-se afirmar que os migrantes são sobretudo famílias, constituídas ou em trânsito para se reunirem com os parentes que já efetuaram a jornada ou já se encontram estabelecidos nos países a alcançar; que existe uma harmonia aparente entre o número de homens e mulheres e crianças; que estamos perante migrantes cada vez mais qualificados que procuram melhores condições de vida, já que nos países de origem lhes foi negada a proteção e a assistência básicas, ou seja, a possibilidade de organizarem o seu presente com o objetivo de viverem o futuro em conformidade com as condições que a própria condição humana impõe.

Cientes de que possam ter ocorrido erros nas entrevistas e nos processos de triagens conduzidos nos pontos de entrada, que esse risco continua a existir e que existem indícios de conexões entre as redes de facilitadores que operam na Europa e grupos terroristas, parece claro que estes

factos apenas devem motivar o Velho Continente a continuar solidário, defendendo os mais altos valores humanos, e a incrementar uma eficiente gestão conjunta deste fenómeno com o objetivo último de evitar mais adesões massivas à atitude de radicalização.

Focados na premissa anterior, também parece resultar claro que é fundamental continuar a estudar o fenómeno, refinar e centralizar a análise em Portugal sobretudo após os recentes eventos - chegada de migrantes ao Algarve, oito homens em dezembro (entre os 16 e os 26 anos) e onze homens em janeiro (entre 21 e 30 anos,).

Com efeito, estes dois fluxos, ainda que pouco numerosos na sua dimensão, contrariam as tendências discutidas no presente estudo (*e.g.* idade, género e família) e devem funcionar como importantes alertas sobre a possibilidade de um eventual surgimento de uma rota migratória para o território nacional proveniente de um país que não é considerado um estado falhado ou desestruturado socialmente, com uma tipologia de migrantes muito própria que merece um olhar mais atento por parte das entidades envolvidas, no sentido de se aquilatar das verdadeiras causas que justificam tal fluxo e quais as consequências futuras para um pequeno país como Portugal.

AUTORES

Fernando Bessa: Ministrou como professor auxiliar da Universidade Lusíada a unidade curricular de ameaças ambientais (16/17). É investigador do Centro de Investigação de Estudos de Sociologia, do Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar e do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar. Atualmente, enquanto Coronel da Guarda Nacional Republicana, encontra-se em comissão de serviço. É licenciado em Sociologia e Planeamento, Mestre em Organização do Trabalho e da Empresa e doutor em Sociologia pelo ISCTE-IUL. É auditor de Defesa Nacional e membro da International Sociological Association, do European Research Group on Military and Society e da Associação Portuguesa de Sociologia. As suas áreas de interesse e investigação centrais são Forças Policiais, Forças Armadas e Sociedade, Ambiente, Sociologia de Classes, Segurança e Defesa. Contacto: + 1 917 365 9094 (a15277@hotmail.com)

Luís Malheiro: Capitão da Guarda Nacional Republicana, desempenha funções na Academia Militar como Adjunto do Diretor de Cursos da GNR e Docente das Unidades Curriculares de Contabilidade Pública, Administração e Gestão Pública e Estudos de Segurança Interna. É investigador do Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar e do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar. É mestre em Administração da GNR pela Academia Militar e doutor em Políticas Públicas pelo ISCTE-IUL.

É Auditor de Defesa Nacional e membro: da International Sociological Association, do European Research Group on Military and Society, da Ordem dos Contabilistas Certificados e da Ordem dos Economistas. As suas áreas de interesse e investigação centrais são: Ambiente, Forças Armadas e Sociedade, Contabilidade Pública e Políticas Públicas de Segurança e Defesa. Contacto: + 351 91 852 6501 (malheir.lcr@gnr.pt)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMN. (2017). Obtido de Missão e Competências: <http://www.amn.pt/PM/Paginas/MissaoCompetencias.aspx>

Billiet, J. (2016). Obtido de The relation between ethnic threat and economic insecurity in times of economic crisis: analysis ESS data with special focus on Round 5 (2010-2011): http://www.europeansocialsurvey.org/docs/about/conference/BILLIET-ea_Relation-between-ethnic-threat-and-economic-insecurity_Summary-paper.pdf

Bordoni, C., & Bauman, Z. (2016). *Estado de Crise*. Lisboa: Relógio D'Água.

European Social Survey. (2016). Obtido de Attitudes towards Immigration and their Antecedents: http://www.europeansocialsurvey.org/docs/findings/ESS7_toplines_issue_7_immigration.pdf

EUROPOL. (2017). Obtido de Facilitation of Illegal Immigration: <https://www.europol.europa.eu/crime-areas-and-trends/crime-areas/facilitation-of-illegal-immigration>

FRONTEX. (2015). *Fundamental rights training for border guards*. Warsaw, Poland: Frontex.

FRONTEX. (2016). Obtido de FRAN: http://frontex.europa.eu/assets/Publications/Risk_Analysis/FRAN_2016_Q2.pdf

FRONTEX. (2017a). Obtido de Operations: <http://frontex.europa.eu/>

FRONTEX. (2017b). Obtido de Risk Analysis for 2017: http://frontex.europa.eu/assets/Publications/Risk_Analysis/Annual_Risk_Analysis_2017.pdf

FRONTEX. (2019). Obtido de Risk Analysis for 2019: https://frontex.europa.eu/assets/Publications/Risk_Analysis/Risk_Analysis/Risk_Analysis_for_2019.pdf

Gabriel, S. (2015). Sigmar Gabriel. <https://www.youtube.com/watch?v=dX0EpOCdsCo>.

GNR. (2016). Obtido de Balanço da atividade da Unidade Controlo Costeiro: <http://www.gnr.pt/comunicado.aspx?linha=4128>

Guterres, A. (2015). Obtido de Refugees have the right to be protected: https://www.ted.com/talks/antonio_guterres_refugees_have_the_right_to_be_protected

Heath, A., & Richards, L. (2016). Obtido de How do Europeans differ in their attitudes to immigration?: http://www.europeansocialsurvey.org/docs/about/conference/HEATH_FORD_how-do-Europeans-differ.pdf

Keller, C. (2016). Obtido de Elections and Anti-Immigrant Sentiment in the European Union: http://www.europeansocialsurvey.org/docs/about/conference/KELLER_Elections-and-anti-immigrant.pdf

Kogan, I., Shen, J., & Siegert, M. (2016). Obtido de What Makes a Satisfied Immigrant? Host-Country Characteristics and Immigrants' Life Satisfaction in Eighteen European: http://www.europeansocialsurvey.org/docs/about/conference/KOGAN-et-al._What-Makes-a-Satisfied-Immigrant.pdf

Lusa. (2017). Obtido de Trinta e nove migrantes resgatados no mar Egeu (Grécia) - GNR: <https://www.dn.pt/lusa/interior/trinta-e-nove-migrantes-resgatados-no-mar-egeu-grecia---gnr-8907768.html>

Mockaitis, T. R. (2019). *Violent Extremists, Understanding the Domestic and the International Terrorist Threat*. Colorado: Praeger.

OECD. (2016). *International Migration Outlook 2016*. Paris: OECD Publishing. Obtido de International Migration Outlook 2016, OECD Publishing, Paris.

Parlamento Europeu e Conselho. (2016). Obtido de Regulamento n.º 2016/1624 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 14 de setembro de 2016: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32016R1624&qid=1484768919192&from=EN>

Popp, M., Schmid, F., & Christoph. (2017). Obtido em 13 de março de 2017, de [http://www.businessinsider.com/afp-balkans-becoming-chessboard-for-big-powers-eu-2017-3?utm_source=feedburner&utm_medium=referral&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed:+businessinsider+\(Business+Insider\)](http://www.businessinsider.com/afp-balkans-becoming-chessboard-for-big-powers-eu-2017-3?utm_source=feedburner&utm_medium=referral&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed:+businessinsider+(Business+Insider))

Pordata. (2017). (Fundação Francisco Manuel dos Santos) Obtido em 22 de maio de 2016, de <http://www.pordata.pt/Home>

Rogero, N. (2015). *Menos Que Humanos: Imigração Clandestina e Tráfico de Pessoas na Europa*. Lisboa: D.Quixote.

SEF. (2016). Obtido de Inspetores do SEF partem para a Grécia: https://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/noticias/Noticias_Detalhe.aspx?id_linha=6998

Tribuna da Madeira. (2017). Obtido de GNR faz balanço da missão da FRONTEX na Grécia e Bulgária: <http://www.tribunadamadeira.pt/2017/01/23/gnr-faz-balanco-da-missao-da-frontex-na-grecia-e-bulgaria/>

UNHCR. (2016). Obtido de Regional Refugee and Migrant Response Plan for Europe, January to December 2017: <https://data2.unhcr.org/en/documents/download/52619>

UNHCR. (2017a). Obtido de Figures at a Glance: <http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>

UNHCR. (2017b). Obtido de Mediterranean arrival data 2017: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/53876>

Vila, S. T. (2017). Obtido de The bailout business: Who profits from bank rescues in the EU?: <http://www.euractiv.com/section/economy-jobs/video/the-bailout-business-who-profits-from-bank-rescues-in-the-eu/>

Young, Y. (2016). Obtido de Benefit or Burden? A Multilevel Analysis of Attitudes Concerning Refugee Admissions across Economic, Cultural and Human Security Contexts”: http://www.europeansocialsurvey.org/docs/about/conference/YOUNG_Benefit-or-Burden_-A.pdf

Zizek, S. (2009). *Violência*. Lisboa: Relógio D'Água.

(Endnotes)

¹ Muitas vezes designados por muros da vergonha das civilizações modernas.

² Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar no art.º 3º dispõe que “todo o Estado tem o direito de fixar a largura do seu mar territorial até um limite que não ultrapasse 12 milhas marítimas (...) e no n.º 1 do art.º 2º afirma-se que a “soberania do Estado costeiro se estende além do seu território (...) a uma zona de mar adjacente designada pelo nome de mar territorial.” Note-se que 12 milhas marítimas são 21.936 m (1 m.m = 1 852 m), ou seja, para uma melhor fixação pelo leitor, pode-se tomar como referência os 22 Km, medidos a partir da linha de base portuguesa determinada pela referida Convenção (art.º 5º).

³ No futuro este apoio também poderá ser garantido pelos próprios Guardas de Fronteira da Agência, uma vez que foi aberto no passado mês de dezembro de 2019 a primeira call para mais de 700 posições para tal função, argumento que ilustra bem a dimensão da FRONTEX, mas também enfatiza a atualidade e pertinência do fenómeno.